SERMONES DEL PADRE
JUAN CARLOS CERIANI
Radio Cristiandad

P. CERIANI: SERMÃO DA FESTA DE SÃO JOSÉ

Publicado por P.VerboVen

SÃO JOSÉ

ESPOSO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

“Ora, estando Maria, a mãe de Jesus, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se que ela estava grávida pelo Espírito Santo. José, porém, seu esposo, sendo justo e não querendo expô-la à vergonha pública, resolveu deixá-la secretamente. Enquanto ponderava sobre isso, um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e disse: “José, filho de Davi, não temas receber Maria como tua esposa, porque o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados”.

São José é o esposo da Bem-Aventurada Virgem Maria e o pai adotivo de Jesus. Dessas fontes emanam sua dignidade, sua santidade e sua glória.

Ao longo de toda a sua vida, ele abraçou plenamente esses papéis e responsabilidades. Dedicou-se com grande amor e cuidado diário à proteção de sua Esposa e do Divino Menino; Regularmente, por meio de seu trabalho, ele providenciava alimento e vestuário para eles; protegia o Menino da morte quando ameaçado pelo ciúme de um monarca e lhe encontrava refúgio; nas dificuldades da jornada e na amargura do exílio, era sempre companheiro, auxílio e amparo da Virgem Maria e do Menino Jesus.

Para compreender a grandeza do Santo Patriarca, é preciso começar por entender seu lugar na ordem da Encarnação, pois esta é a primeira e mais perfeita das obras divinas, na qual os atributos de Deus — sua sabedoria, sua justiça, seu poder, sua bondade e sua misericórdia — se refletem como num oceano de beleza.

Portanto, a Encarnação é a medida de toda verdadeira glória e nobreza. Quanto mais próxima uma criatura estiver do Verbo Encarnado, mais elevado será seu lugar na ordem do mundo espiritual.

Ora, uma pessoa pode pertencer à ordem da Encarnação de duas maneiras: intrínseca ou extrinsecamente.

Intrinsecamente, seja por compreenderem em si mesmos a própria essência da Encarnação, seja por cooperarem na realização deste augusto mistério.

Cristo, Nosso Senhor, pelo próprio ato da união hipostática, realiza em si mesmo esta obra-prima inefável, sendo, na unidade de pessoa, Deus e homem. Ele pertence, portanto, intrínseca e substancialmente à ordem da Encarnação. Ele próprio é a sua razão de ser.

A Bem-Aventurada Virgem Maria, Sua Mãe, também pertence intrinsecamente a esta ordem, não substancialmente, como seu Filho, mas por meio de sua cooperação real e vital, tendo providenciado, sob a ação do Espírito Santo, seu sangue virginal para formar o corpo do Verbo Encarnado.

Há uma pessoa que, em virtude da missão muito particular que lhe foi confiada, está intimamente unida, embora extrinsecamente, ao grande mistério da Encarnação. Este é São José, o homem escolhido por Deus para ser o Esposo da Virgem Mãe.

Este, então, é o lugar que São José ocupa na obra da Encarnação, um lugar único depois do da Bem-Aventurada Virgem Maria, sua Esposa.

Embora esta cooperação de São José na obra da Encarnação não seja intrínseca, como a da Virgem Mãe, ela permanece, no entanto, o fundamento e a razão de todas as suas prerrogativas.

+++

Dito isto, vemos que a grandeza do Santo Patriarca provém de três fontes: primeiro, de sua relação com o Verbo Encarnado; Em segundo lugar, a partir de sua relação com a Virgem Maria; e em terceiro lugar, a partir de sua relação com a Igreja. Concentremo-nos hoje nos dois primeiros aspectos, deixando o terceiro para a Festa de seu Padroeiro.

Quanto à relação de São José com a Virgem Maria, é uma lei natural que aqueles que desejam se unir como marido e mulher no matrimônio sejam o mais semelhantes possível em espírito. Portanto, somente ele, por desígnio divino, poderia ser escolhido como Esposo da Virgem Maria, pois, na ordem temporal, possuía tamanha nobreza e, na espiritual, tamanha santidade.

São Francisco de Sales expressa esse pensamento de forma admirável. Assim como um espelho reflete perfeitamente os raios do sol, e outro espelho os reflete, embora este último apenas capte os raios solares por reflexão, mas os represente com tanta perfeição que seria difícil discernir qual deles os recebe diretamente do sol, o mesmo ocorreu com Nossa Senhora. Como um espelho puríssimo que reflete os raios do Sol da Justiça, raios que trouxeram à sua alma todas as virtudes em sua perfeição, essas perfeições e virtudes foram refletidas tão perfeitamente em São José que quase parecia que ele era tão perfeito ou possuía as virtudes em grau tão elevado quanto a gloriosa Virgem Nossa Senhora.

Devemos agora buscar os meios escolhidos pelo Espírito Santo para efetivar essa escolha no tempo determinado por Deus.

São José foi escolhido para a dignidade de Esposo de Maria por seus méritos, pois sua santidade e castidade superavam as de todos os homens que viviam na Terra naquela época, com exceção da Virgem de Nazaré. Portanto, Deus quis estabelecer uma relação precisa entre esses mesmos méritos e a elevada dignidade à qual o havia destinado.

Além disso, essa mesma dignidade seria para São José um meio muito eficaz de crescer na graça e, finalmente, alcançar o grau de glória para o qual fora predestinado.

Assim, todas as ações que o santo Patriarca realizara até então, sob a influência da graça, como tantos refinamentos do divino artista, adornavam sua alma e a tornavam digna de sua sublime missão.

Bendito seja o Altíssimo por ter concedido tão extraordinária graça ao glorioso São José!

+++

Quanto à sua relação com Jesus Cristo, São José foi predestinado a cumprir, em relação ao Verbo Encarnado, um ofício muito especial. Ele seria o guardião autorizado Daquele que, como sacerdote e vítima, ofereceria a Deus o sacrifício da nossa redenção. Deus também lhe confiou a tarefa de organizar os assuntos e eventos temporais concernentes a Jesus.

Portanto, não há dúvida de que São José foi dotado de todas as graças e dons merecidos pelo ofício que o Pai Eterno quis lhe conferir.

O maior privilégio do Santo Patriarca, que decorre diretamente de sua dignidade como verdadeiro esposo de Maria e que este belo título confirma explicitamente, é ser chamado pelo doce nome de Pai de Jesus Cristo, um título inefável que a Sagrada Escritura, e em particular a Santíssima Virgem, solenemente consagraram.

Ora, é uma questão de fé que Jesus Cristo não nasceu de São José. Portanto, não há outra razão para chamá-lo de Pai de Jesus, senão seu verdadeiro matrimônio com aquele que, pela ação do Espírito Santo, forneceu seu sangue puríssimo para formar o corpo do Salvador.

Portanto, não é, estritamente falando, apenas pelo fato de São José ter que prover o sustento de Jesus, nem simplesmente por causa da opinião pública, que ele é chamado, nas Escrituras, de Pai de Jesus, mas por uma razão muito maior, a saber, por causa do vínculo matrimonial, tão santo quanto indissolúvel, que o uniu a Maria, a verdadeira Mãe de Jesus segundo a carne.

Uma prova ainda mais convincente da veracidade do matrimônio de São José com a gloriosa Virgem Maria reside neste fato: vemos que as Escrituras lhe atribuem, sem qualquer hesitação quanto à Sagrada Família, os deveres próprios de um pai.

Os títulos de suposto pai ou pai adotivo de Jesus, com os quais a piedade dos fiéis costuma honrar o glorioso Patriarca — títulos já tão honrosos em si mesmos — representam, contudo, apenas um aspecto bastante diminuído de sua dignidade, que consiste originalmente no fato de ter sido unido a Maria pelo vínculo mais íntimo que existe na terra, o de verdadeiro Esposo da Mãe de Deus, do qual deriva seu inefável título de verdadeiro pai de Jesus Cristo, exceto, como já dissemos, pelo fato da procriação temporal.

Citemos as admiráveis palavras do grande Papa Leão XIII, que, após recordar como toda a dignidade, graça, santidade e glória do glorioso Patriarca derivam de sua condição de Esposo de Maria e Pai Adotivo de Jesus Cristo, acrescenta:

“Certamente, a dignidade da Mãe de Deus é tão sublime que nada maior pode ser concebido. E, no entanto, dado que existia um vínculo conjugal entre José e a Virgem Santíssima, não pode haver dúvida de que o santo Patriarca participou, mais do que qualquer outro, da incomparável dignidade da Mãe de Deus, que supera em muito a de todos os seres criados. O matrimônio é, de fato, a forma mais íntima de união e coabitação, que por sua própria natureza implica a partilha de bens entre os cônjuges.”

Portanto, ao dar São José como esposo da Virgem Santíssima Maria, Deus lhe proporcionou não apenas um companheiro para a vida toda, uma testemunha de sua virgindade e um guardião de sua integridade, mas também, em virtude desse mesmo pacto matrimonial, o tornou participante de sua elevada e sublime dignidade.

Da mesma forma, é fonte de incomparável dignidade para ele ter sido escolhido, no plano divino, para ser o guardião do Filho de Deus e seu Pai aos olhos dos homens. Segue-se que o Verbo de Deus se submeteu humildemente a José, obedecendo às suas palavras e prestando-lhe todas as honras que os filhos devem aos pais.

Assim, o fato de São José ter sido unido à Virgem Maria pelos laços do verdadeiro matrimônio colocou o Santo Patriarca em uma dupla relação de intimidade: primeiro com a Virgem Maria e depois com o Verbo Encarnado, o que constitui o fundamento e a razão de todos os seus privilégios.

+++

O primeiro efeito do admirável matrimônio de São José com a Virgem Maria foi estabelecer uma dupla relação entre os dois esposos: uma relação de corpo e uma relação de alma ou espírito.

Em primeiro lugar, sabemos que, pelo matrimônio, cada cônjuge transfere ao outro um direito estrito e real sobre o próprio corpo. Em virtude desse matrimônio, portanto, o corpo de Maria pertencia verdadeiramente a São José e, inversamente, o corpo de São José pertencia verdadeiramente a Maria.

Contudo, os santos esposos haviam renunciado ao exercício desse direito em consequência do voto de virgindade que cada um fizera.

Mais íntima era a união resultante do vínculo conjugal entre as almas dos dois esposos — uma união santíssima, poderosíssima e sublime, no exercício da caridade sem limites.

Ouçamos como São Bernardino de Siena desenvolve essa ideia:

“Foi por inspiração divina que Maria e José entraram em sua união matrimonial… Ora, não se pode pensar que o Espírito Santo uniria à alma de uma Virgem tão santa uma alma que não se assemelhasse perfeitamente à dela pela operação das virtudes… Visto que a Virgem Santíssima sabia que o Espírito Santo lhe dera São José como Esposo e fiel guardião de sua virgindade, desejando que ele compartilhasse com ela, no amor da caridade e com reverente solicitude, seus deveres para com o divino Filho de Deus,

creio que por isso ela amou São José com a maior sinceridade e com todo o afeto de seu coração.”

Observemos aqui como a união de espíritos entre Maria e São José ultrapassou a união de pais e filhos. De modo geral, diz São Tomás de Aquino, o marido ama a esposa mais intensamente do que os pais dela, pois ela se une a ele para se tornar uma só carne. Em relação ao respeito mútuo entre os cônjuges, em geral, o homem deve respeitar mais os pais do que a esposa, pois os pais são amados como princípios orientadores e representam um bem maior; contudo, São José tinha mais veneração por sua esposa do que por seus pais, porque o bem que ela possuía, ou seja, a maternidade divina, é mais excelente do que qualquer bem criado.

+++

Consideremos separadamente os deveres que o matrimônio com a Virgem Maria impôs ao glorioso Patriarca.

Esses deveres podem ser resumidos em três pontos principais: primeiro, São José tornou-se o fiel ministro de Maria nos assuntos temporais; segundo, tornou-se seu fiel guardião e testemunha de sua virgindade; finalmente, deveria compartilhar suas tristezas e alegrias.

Começando pelo primeiro dever, lembremos que a lei natural exige que o marido providencie à esposa o necessário para a vida, na medida de sua necessidade. Ora, Maria, como sabemos, não pertencia à classe abastada; portanto, o Santo Patriarca tinha que prover o sustento diário de sua esposa.

Se alguém perguntar a qual virtude se refere este dever, responderemos que é a piedade, a virtude que nos inclina a prover, da melhor maneira possível, as necessidades de nossos pais, de nossa pátria e de nossos entes queridos.

Um segundo dever que São José tinha para com Maria era o de proteger a flor de sua virgindade. José tinha que defender sua Esposa dos ataques dos ímpios, bem como das calúnias dos homens mundanos, que ignoravam completamente o mistério da santidade operada nela pela augusta Trindade.

Assim, São Jerônimo não hesita em apontar o temor de que os judeus a apedrejassem por adultério como a razão para o casamento da Virgem com São José.

Além disso, como a virgindade de Maria deveria ser oferecida como exemplo aos fiéis, era necessário que ela tivesse não apenas um guardião, mas

também uma testemunha autorizada, e esse guardião e testemunha não era outro senão o Santo Patriarca.

O terceiro dever de São José para com Maria era compartilhar os sofrimentos que, como Corredentora da humanidade, esta Virgem Santíssima teve de suportar em união com Jesus. As maiores dores tornam-se suportáveis quando compartilhadas por muitos; portanto, Deus providenciou a presença de São José na Sagrada Família, para que Maria pudesse suportar mais facilmente suas dores, cercada pelo afeto de São José.

Durante os anos da menoridade do Salvador, José foi o consolador de Maria: compartilhou, como um esposo devotado, suas dores e angústias, assim como suas consolações e alegrias. Mais tarde, quando Jesus iniciou seu ministério público e São José faleceu, chegou a hora de o Verbo Encarnado cumprir, para com sua amada Mãe, o papel de consolador.

+++

Tendo considerado a relação do Santo Patriarca José com sua esposa virginal, é apropriado que consideremos aquelas que o ligam a seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Comumente nos referimos a São José como o pai adotivo de Jesus Cristo, e essa expressão merece reflexão. Contudo, isso requer explicação, pois não representa adequadamente toda a glória do Santo Patriarca.

Embora não tenha contribuído diretamente para a concepção do Salvador, São José é, no entanto, o verdadeiro Esposo daquela que lhe deu a nossa carne.

Para que seja certo dizer que uma coisa, planta ou animal pertence por direito natural a uma pessoa, basta que essa coisa, planta ou animal nasça no domínio dessa pessoa. Assim, para que um homem reivindique, por direito matrimonial, a paternidade de seu filho, basta que a criança seja concebida por sua esposa legítima, sem adultério, segundo o princípio jurídico de que o homem é presumido pai da criança que o casamento designa como tal.

Portanto, o Divino Filho, que, pela ação do Espírito Santo, foi concebido no ventre de Maria, pertencia por direito ao legítimo esposo desta Santíssima Virgem, que, consequentemente, deve ser chamado de pai desta criança num sentido muito mais amplo do que o indicado pelos termos suposto pai e pai adotivo.

São Francisco de Sales, com seu estilo encantador, ilumina esta verdade com grande beleza, dizendo:

“Costumo dizer que, se uma pomba carregasse uma tâmara no bico e a deixasse cair num jardim, não diríamos que a palmeira que dela nasce pertence ao dono do jardim?

Ora, se assim é, quem pode duvidar que esta divina palmeira também pertence ao grande São José, tendo o Espírito Santo deixado cair esta divina tâmara, como uma divina pomba, no jardim murado e fechado da Santíssima Virgem, que pertencia ao glorioso São José, como uma esposa pertence ao seu marido?”

De fato, duas coisas pertencem à noção de paternidade: uma é o nascimento físico de uma criança; a outra, o afeto espiritual com que as crianças são concebidas. Ora, este segundo elemento supera o primeiro em estabilidade.

Assim, embora Nosso Senhor não tenha sido concebido por São José, como o próprio Santo Agostinho eloquentemente proclama, “São José tem um filho pela piedade e caridade; e não um filho qualquer, mas o Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, Esposa de São José”. E o Santo Doutor acrescenta: “O que o Espírito Santo realizou, realizou para ambos (Maria e José). O Espírito Santo, repousando sobre a retidão de cada um, deu-lhes a ambos um filho”.

+++

De tudo o que foi dito, podemos deduzir quão grande é a excelência de São José, a quem não só a Rainha do Céu, mas também o Criador de todo o universo, foram obrigados a cercar de veneração e piedade, e a cumprir prontamente as instruções que ele deu à Sagrada Família.

Como afirmam os Santos Padres e Doutores, esta sublime relação continua no Céu.

Voltemo-nos, então, a São José, Esposo da Bem-Aventurada Virgem Maria e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.